

TRAMAS BÍBLICAS: AS MULHERES EM *CONTOS ERÓTICOS DO ANTIGO TESTAMENTO*, DE DEANA BARROQUEIRO¹

Késia Oliveira (UFMG)²

Resumo: Em *Contos eróticos do Antigo Testamento*, publicado em 2006, a escritora portuguesa Deana Barroqueiro reescreve dez episódios bíblicos do Primeiro Testamento, trazendo em primeiro plano personagens femininos. Nessa recriação, a mulher que, muitas vezes, é silenciada no cânone bíblico judaico-cristão adquire voz e torna-se ponto central das narrativas. Esta comunicação pretende apresentar a coletânea e discutir de que forma a figura feminina é abordada nos contos, refletindo sobre como o texto bíblico é acessado e reescrito na ficção por Barroqueiro, atentando-se para os artifícios e as estratégias que a escritora utiliza em seu ofício no contexto da cultura e da tradição judaica como tema.

Palavras-chave: Bíblia; Reescrita; Mulher; Deana Barroqueiro.

Em *Contos eróticos do Antigo Testamento*, publicado em 2006, a escritora portuguesa Deana Barroqueiro reescreve episódios bíblicos do Primeiro Testamento, trazendo em primeiro plano personagens femininos. Nessa reescrita, Barroqueiro se inscreve numa tradição de escritores, da qual fazem parte Machado de Assis, Jorge Luis Borges, Moacyr Scliar e Richard Zimler, dentre outros, que estruturam suas narrativas a partir do texto bíblico.

Ao recriar algumas tramas bíblicas, Barroqueiro se apropria de um arquivo considerado sagrado, total e unívoco, para o discurso religioso, como as Escrituras, mas que, também, se constitui um legado na tradição ocidental literária sendo continuamente reescrito, interpretado, reinterpretado, traduzido e retraduzido.

A escritora revisita a tradição bíblica sob o viés de um cronista daquele tempo, um pouco cético, “sem crenças em Baal, Marduk ou Jahweh, interessado em recriar espaços geográficos, ambientais, sociais e étnicos, segundo os testemunhos” (BARROQUEIRO, 2006, p. 6). Esse tipo de narrador visa conferir uma aparente credibilidade e verossimilhança aos textos apresentados.

¹ Uma versão deste texto foi apresentada IX Colóquio Mulheres em Letras: cartografias do corpo, realizado na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais em 2017.

² Doutoranda em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais (Pós-Lit/UFMG). Contato: kesia@ufmg.br

Em seu relato, o leitor percebe a manutenção de uma dicção religiosa que faz com o que narrador se aproxime da figura de um compilador de fatos históricos, tentando, assim, ser um copista fiel do texto bíblico. No entanto, apesar de se apresentar como um historiador, o narrador reinventa e expande o texto bíblico.

O uso das Escrituras e sua reinvenção crítica são relatados na introdução da coletânea:

Pretendi que este meu livro fosse, em parte, uma crônica histórica da Antiguidade, ficcionada, cujo fio condutor seria a aventura dos sentidos, através do olhar magoado das mulheres e da sua luta pela existência, num mundo em que as descendentes de Eva eram consideradas pelos homens como mercadoria e inferiores aos animais, conceito que perdurará ainda hoje, perpetuado por determinadas interpretações fundamentalistas dos livros ditos sagrados, em nome de uma verdade religiosa que nenhum Deus, bom e justo, poderia alguma vez sancionar ou sequer tolerar (BARROQUEIRO, 2006, p. 14).

A construção do texto a partir do “olhar magoado das mulheres”, confessada por Barroqueiro, revelaria uma relação ambivalente com o episódio bíblico em um “misto de homenagem e de provocação, em certa medida, subvertendo os sentidos do texto sagrado, desqualificando o sistema e código ali vigentes e, sobretudo, se inscrevendo nos interstícios do texto bíblico, promovendo uma suplementação” (NASCIMENTO, 2015, p. 168).

A subversão pode ser observada desde o título da coletânea. A presença da palavra “erótico” promove certo desvio de sentido do texto sagrado ao trazer em cena episódios nos quais a narrativa revela algum desejo e/ou alguma sensualidade em algum personagem. O deslocamento de um texto que se propõe como total (a Bíblia) para textos fragmentados, como o conto, também pode ser visto como um índice dessa subversão ao sagrado. Nesse sentido, vê-se uma proposição da escritora em ficcionalizar o texto religioso, em fragmentar verdades absolutas.

Nos dez contos da coletânea – “No início”; “Os cuidados de Abraão”; “Os reverses de Lot”; “As agruras de Abraão”; “As provações de Judá”; “As doçuras de Booz”, “As desditas de David”; “Os deboches de Amnon”; “As luxúrias de Salomão” e “Os langores de Holofernes” – há algo paradoxal nos títulos em que os nomes próprios aparecem: embora sejam personagens masculinos que estejam nos títulos dos contos, são as figuras femininas, com seus ardis, as verdadeiras protagonistas das tramas.

Em “A cicatriz de Ulisses”, Erich Auerbach, ao comparar o sacrifício do filho de Abraão, descrito em *Gênesis*, com o episódio do retorno de Ulisses, narrado em *Odisseia*, destaca um laconismo da narrativa bíblica:

Não é fácil, portanto, imaginar contrastes de estilo mais marcantes do que estes, que pertencem a textos igualmente antigos e épicos. De um lado, fenômenos acabados, uniformemente iluminados, definidos temporal e espacialmente, ligados entre si, sem interstícios, num primeiro plano; pensamentos e sentimentos expressos; acontecimentos que se desenvolvem com muito vagar e pouca tensão. Do outro lado, só é acabado formalmente aquilo que nas manifestações interessa à meta da ação; o restante fica na escuridão. Os pontos culminantes e decisivos para a ação são os únicos a serem salientados; o que há entre eles é inconsistente; tempo e espaço são indefinidos e precisam de interpretação; os pensamentos e os sentimentos permanecem inexpressos: só são sugeridos pelo silêncio e por discursos fragmentários” (AUERBACH, 2002, p. 9.)

“O que fica na escuridão”, como o trecho aponta, incentiva o leitor à interpretação, e se torna matéria literária para Barroqueiro, pois a escritora revisita os episódios da Bíblia, preenchendo com ficção as lacunas do texto bíblico. Apropriando-se do texto sagrado, ela circunscreve naquilo que não foi dito, visto que muitas das mulheres bíblicas são personagens retratadas superficialmente, emergindo apenas pontualmente ao executar uma ação em algum relato, e, logo, desaparecem, exigindo, assim, que o leitor imagine o resto da história.

Nessa perspectiva, Barroqueiro se inscreve no está implícito nessas lacunas e dá prosseguimento às histórias de Noé, Jacó, Isaque, Abraão, Salomão por meio de um olhar feminino que se realiza a partir da visibilidade atribuída a mulher na narrativa trazendo em cena as histórias sobre Sara, Ester, Lia, Raquel.

Nessa recriação, a mulher que, muitas vezes, é silenciada no cânone bíblico judaico-cristão adquire voz e torna-se ponto central das narrativas, como Agar, a escrava egípcia, e Judite, cuja história está presente na tradição judaica, mas ausente na Bíblia hebraica e protestante.

As personagens dos contos possuem narrativas que chegam se constituir uma história independente da Bíblia, como Judite, analisada no artigo “Mulheres que matam”, de Lyslei Nascimento, que “será [na Bíblia] a casta viúva que libertou o seu povo dos grilhões assassinos de Holofernes, mas para o leitor [do conto de Barroqueiro], a articulação do crime com a vingança e desta com a justiça é colocada sob suspeita” (NASCIMENTO, 2015, p. 171) ou Davi, que ao contrário do relato bíblico no qual o

personagem é apresentado como um pastor de ovelhas, um herói escolhido por Samuel para ser rei em substituição a Saul, é retratado, em “As desditas de Davi”, como “muito idoso, de idade tão avançada que a sua velha carne já não aquecia [...] cheio de pontadas no peito e dores nos ossos, todo tolhido de reumático” (BARROQUEIRO, 2006, p. 160).

No relato bíblico, Davi é um homem destemido, que ao encontrar um animal feroz, “o perseguia e o atacava pela juba, o feria e matava, tal como fora feito contra Golias”, já no conto de Barroqueiro, o narrador afiança que “uma mulher formosa sempre teve o dom de transformar o rei David no jovem herói capaz de matar Golias, o gigante filisteu.” Nota-se, por esse trecho, que o narrador desloca a força de David atribuindo-a para a figura feminina, promovendo, assim, uma ruptura com a tradição bíblica, invertendo o papel secundário, muitas vezes, atribuído à mulher.

Essa inversão permeia toda a coletânea, como relata a escritora:

O Velho Testamento, através do *Livro do Gênesis* (e não só dele), mostra uma visão extremamente depreciativa das mulheres, rebaixando-as ao estatuto de seres inferiores e pecaminosos, menos inteligentes do que os homens, a quem devem obediência cega, por mais infames que eles sejam. Eu procurei transformar essas lendas e milagres em relatos históricos, como um cronista, contextualizando-os segundo a época, os costumes e a mentalidade desses povos da Antiguidade pré-clássica, que levei bastante tempo a estudar, e que são apresentados segundo o ponto de vista dessas mulheres que nunca tiveram voz (BARROQUEIRO, 2006, p. 6).

Ao trazer esse ponto de vista feminino, Barroqueiro traz, ainda, para a cena, uma história vista de baixo, na qual as mulheres que possuem suas histórias ignoradas e/ou emudecidas, sendo, muitas vezes, consideradas como “agentes de Satã”, como evidencia o estudo de Jean Delumeau, passam a ser ouvidas, como é possível ver no conto que reescreve a criação bíblica.

Se em uma das versões do *Gênesis*, a mulher é criada a partir da costela de Adão com o objetivo de lhe ser uma ajudadora idônea, pois não seria bom que o homem estivesse só, no conto de Barroqueiro, Deus

na euforia que se seguiu, não vendo entre todos os animais desse Mundo uma companheira adequada para oferecer à Sua criatura, caíra na tentação de dar vida a um novo ser, feito à imagem do anterior, mas aperfeiçoando o modelo com a introdução de pequenas mais significativas diferenças. Como desejava um material mais raro do que o pó utilizado na primeira tentativa, adormeceu profundamente o homem, nas margens do Rio Tigre que limitava a Oriente o jardim do Éden, e tirou-lhe uma das costelas que substituiu por carne, esculpindo a partir do osso uma nova criatura em forma de Mulher. Ao contemplar a Sua obra, Deus achou-a tão bela que, em vez de lhe soprar a vida pelas narinas como fizera ao Homem, lha insuflou através dos lábios beijando-

a e, com surpresa, sentiu pela primeira vez o Seu espírito vibrar de emoção nesse fugaz contato com a matéria.” (BARROQUEIRO, 2006, p. 11).

Ao acessar o texto sagrado, a escritora recria-o, como o trecho evidencia, mantendo sua versão próxima, em dicção, ao texto bíblico, criando, assim, uma composição que se aproxima da técnica do pastiche, conceito que, segundo Carlos Ceia, insere-se no campo modernista da colagem e do reaproveitamento de moldes.

Esse reaproveitamento aponta para a literatura contemporânea, o escritor e o seu ofício, como afiança Wander Melo Miranda: “O que resta [aos escritores], de novo, senão a pilhagem e o pastiche ao infinito de estilos os mais variados – eruditos ou populares – para que o silêncio seja vencido, para que histórias possam ainda ser contadas?” (MIRANDA, 2010, p. 132). O saque e a pilhagem, bem como a ideia do pastiche de textos e estilos, apontados por Miranda, evidenciam o texto literário, especialmente o contemporâneo, e sua estreita relação com o passado, que é revelado nas reescritas bíblicas que se configuram como textos do presente que se articulam com vestígios do passado, com reminiscências de textos anteriores, cabendo ao escritor, assim, rearticular essa memória.

O pastiche nos contos de Deana Barroqueiro, desse modo, parece se dar a partir da emulação do discurso bíblico encenado pelo narrador cronista, que incorpora certa dicção dos escribas bíblicos, pondo em evidência o fazer literário como um trabalho de reescrita. Na esteira de Julia Kristeva, para quem “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto” (KRISTEVA, 1974, p. 64), Antoine Compagnon afirma que a escrita literária é sempre um trabalho de citação, ou seja, um exercício de intertextualidade. Essa premissa, ao colocar em evidência o diálogo entre os textos e a apropriação como estratégia de construção literária, permite ao leitor pensar que toda narrativa ressoaria o rumor de outros textos.

Nessa perspectiva, esses “outros textos” são, em *Contos eróticos do Antigo Testamento*, uma série de narrativas extraídas do Primeiro Testamento. Ao se apropriar do arquivo bíblico, Barroqueiro cria desvios que podem fazer soar uma multiplicidade de vozes e uma fragmentação de verdades tidas como absolutas, tensionando a relação do escritor com a tradição, que parece se dar pela fidelidade, autenticando-a, transmitindo um modelo, ou pela traição, alterando-a.

Se para Ricardo Piglia, a partir das reflexões de Tzvetan Todorov, o conto sempre encerra duas histórias, uma subjacente à outra, “uma história visível esconde uma história

secreta, narrada de um modo elíptico e fragmentário” (PIGLIA, 2004, p. 90), ao realizar um pastiche do texto bíblico, a escritora evidencia uma história dos detalhes, que se afasta das monumentalidades, constituindo, assim, uma espécie de história vista de baixo, para usar o termo do estudo de Jim Sharpe, ressignificando, desse modo, a presença e o significado da figura feminina na Bíblia, cuja existência no cânone bíblico é frequentemente silenciada ou mencionada apenas de passagem, como aqui apontado. *Contos eróticos do Antigo Testamento*, assim, revela, ao leitor, as múltiplas possibilidades de interpretações das tramas e sentidos da tradição judaica-cristã.

Referências

AUERBACH, Erich. A cicatriz de Ulisses. In: _____. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Trad. Jacó Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2002. p. 1-20.

BARROQUEIRO, Deana. *Contos eróticos do Antigo Testamento*. São Paulo: Aquariana, 2006.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. Trad. Euclides Martins *et alii*. São Paulo: Paulus, 2010.

BUCHMANN, Christina; SPIEGEL, Celina (Org.). *Fora do jardim: mulheres escrevem sobre a Bíblia*. Trad. Tania Penido. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

CEIA, Carlos. Pastiche. In: CEIA, Carlos (Coord.) *E-Dicionário de termos literários*. Disponível em: <http://edtl.fcsb.unl.pt/encyclopedia/pastiche/>. Acesso em: 13 jul. 2019.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Trad. Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente, 1300-1800: uma cidade sitiada*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ECO, Umberto. O sagrado não é uma moda. In: _____. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Trad. Aurora F. Bernardini e Homero de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 110-116.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

GUINSBURG, Jacó. Da mulher na Bíblia. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte. v. 7, n. 12, p. 74-84, mar. 2013. Disponível em:

<<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/4719/4398>>.
Acesso em: 13 jul. 2019.\

KRISTEVA, J. *Introdução à semanálise*. Trad. Lucia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MIRANDA, Wander Melo. *Nações literárias*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010.

NASCIMENTO, Lyslei. Mulheres que matam. In: JEHA, Julio; JUÁREZ, Laura; NASCIMENTO, Lyslei. *Crime e transgressão na literatura e nas artes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015. p. 155-172.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992. p. 39-62.

SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo (Org.). *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

PIGLIA, Ricardo. Teses sobre o conto. In: _____. *Formas breves*. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 89-94.